

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Milena Regina de Paula Silva

**RAÇA, ETNICIDADE E RELIGIÃO: DAS CIÊNCIAS SOCIAIS ÀS CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Drº Emerson José Sena da Silveira.

Juiz de Fora

2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Milena Regina de Paula Silva**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **201472188-A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS**, desenvolvido durante o período de Agosto 2016 a Janeiro 2017 sob a orientação de Emerson José Sena da Silveira, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Milena Regina de Paula Silva

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

RAÇA, ETNICIDADE E RELIGIÃO: DAS CIÊNCIAS SOCIAIS ÀS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Milena Regina de Paula Silva¹

RESUMO

O presente trabalho visa realizar um pequeno levantamento de pesquisas na área das Ciências da Religião e demais campos de estudos no que se refere à religiosidade do negro e sua constituição identitária étnica. Sabemos que a temática da identidade negra nas ciências sociais foi abordada de muitas formas, o que nos suscitou a pergunta: qual é a situação de estudos sobre raça e etnia negra nas ciências da religião? Tendo em vista a importância do debate das questões raciais no contexto institucional religioso, realizamos um breve levantamento quantitativo em algumas das principais revistas acadêmicas das Ciências da Religião. Utilizamos como critério de seleção dos artigos, a presença ou ausência de temáticas sobre racismo e identidade negra abordadas nas publicações, incluindo a temática das experiências religiosas dos negros desde as Igrejas Pentecostais, passando pelas instituições católicas e de matriz africana. A metodologia utilizada na pesquisa é quali-quantitativa.

Palavras-chave: *Ciência da Religião. Religiosidade. Identidade étnica negra.*

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a importância da demarcação identitária para grupos étnicos, buscamos neste trabalho selecionar as principais revistas eletrônicas acadêmicas com o intuito de diagnosticarmos como vem sendo feito o debate sobre negritudes e etnicidades² no que concerne às religiosidades em suas diferentes manifestações.

Para tanto, abordamos, num primeiro momento, as implicações que permeiam o tema da constituição identitária negra. Posteriormente, refletimos com base nas principais contribuições dos estudos de Ciências da Religião a respeito das instituições religiosas enquanto potencial de mudança nas relações sociais, políticas e culturais, assegurando a identidade étnica negra – como nas religiões afro-brasileiras - ou propondo novas formulações. Em última instância, um pequeno levantamento de publicações na área da Ciência da Religião e demais campos de estudos no que se refere à religiosidade do negro e sua constituição identitária étnica, dados referentes à cor e formação acadêmica dos pesquisadores cuja temática racial foi abordada alicerçada aos estudos sobre as diferentes manifestações religiosas.

É importante salientarmos que na primeira parte da pesquisa utilizamos o método histórico, para melhor compreendermos os acontecimentos em seus processos históricos, verificando as influências que tais circunstâncias ainda exercem sobre a realidade atual. Já na segunda parte da pesquisa, consiste na coleta de dados quali-quantitativos e estatísticos no que se refere às publicações dos periódicos nas revistas eletrônicas, à ênfase de formação acadêmica dos pesquisadores e a cor, relacionando os fenômenos entre si.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, encontramos algumas dificuldades para coletarmos os dados referentes à cor e formação dos pesquisadores, pois essas informações foram adquiridas pelo currículo lattes (Plataforma Lattes) de cada um que a mantém atualizado. Referente às revistas e periódicos analisados, obtivemos todas as informações quantitativas de cada uma por meio dos sites. Foram seis revistas eletrônicas examinadas, sendo elas: *Religião e Sociedade* – na qual só está disponível para acesso os periódicos desde 2007 -, *Rever* (Revista de Estudos da Religião), *PluraAbhr* (Revista de Estudos de Religião), *Anpuh* (Associação Nacional de História), *Horizonte* (Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião) e *Numen*³ (Revista de Estudos e Pesquisa da Religião).

¹Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: milenaregina19@gmail.com
Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

²Santos (2010) afirma sobre *etnia* ou *etnicidade* como sendo tudo o que engloba concepções e crenças religiosas, práticas culturais, línguas e representações de mundo partilhadas por um determinado grupo.

³*Religião e Sociedade* é uma revista semestral dedicada ao tema da religião em todas as suas possibilidades de relações com a sociedade. Está aberta a todos e quaisquer enfoques, tendências, perspectivas e propostas de interpretação, inclusive a diálogos

Nosso objetivo inicial também era realizar um levantamento dos artigos publicados nos congressos da Anptcre (Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião) e Soter (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião). Porém, devido à extensão dos relatórios e a ausência de tempo, não pudemos concluir esta etapa.

Os critérios para a seleção dos artigos que continham a temática religiosidade e identidade negra foram desde a análise dos resumos e palavras-chave dos artigos, até os títulos, facilitando e direcionando a pesquisa que tem cunho exploratório. Sendo assim, procuramos também por meio da identificação das citações de palavras tais como negritude, racismo, religiões e etnicidades selecionar os periódicos.

Conforme iremos abordar, a discriminação e o preconceito racial ainda fundamentam as relações sociais no Brasil, alimentados pela cultura do racismo. Dito isto, é notória a importância e visibilidade que os debates sobre constituições étnicas negras deveriam ter nos meios acadêmicos, contribuindo com a análise das diferentes resistências políticas negras em todas as esferas da vida social. Sabendo que a religião é um fenômeno social que influencia a vida de todos, procuramos visualizar como tem sido a contribuição das Ciências da Religião para estes estudos.

Não obstante, um breve panorama do percurso histórico do povo negro no Brasil deve ser ressaltado para melhor compreendermos a condição material em que se encontra este grupo social na atualidade, bem como as diversas contradições vivenciadas pelos mesmos.

As contribuições teóricas e analíticas de Clóvis Moura (1989) concernente as questões raciais, por exemplo, são de suma importância para compreendermos parte da complexidade que envolve a história dos povos de diáspora africana em solo colonial brasileiro, marcada por violências e resistências que englobam processos de articulação e desarticulação de suas etnias.

Os 400 anos de escravidão negra no Brasil são marcados por dois fatores antagônicos, porém, relacionais: a cultura de resistência desses povos e a preservação da opressão no sistema escravista. Como salienta Moura (1989), embora a população negra fosse a principal dinamizadora das relações econômicas no Brasil, esta foi mantida na exclusão das divisões das riquezas.

É sabido que, no período colonial, toda a economia foi fundamentada no trabalho escravo do negro, desde a produção de açúcar, mineração, produtos tropicais até o café. Não obstante, a população

ou confrontos interreligiosos, partindo do complexo de disciplinas das humanidades e ciências sociais. Foi criada em 1977 pelo centro de Estudos da Religião (CER) e pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER), o qual atualmente a edita. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/rs/pabouti.htm>> Acesso em: 26/01/2017.

A *REVER - Revista de Estudos da Religião* é uma publicação semestral do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, classificada como A2 no QUALIS de sua área (Teologia/Ciência da Religião). Seus objetivos são informar o leitor sobre a pesquisa corrente e propiciar uma discussão metateórica em torno da Ciência da Religião tanto no âmbito nacional quanto no nível internacional. Sua primeira publicação foi no ano de 2001. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever>> Acesso em: 26/01/2017.

Revista *PLURA*, Revista de Estudos de Religião, é de uma iniciativa da Associação Brasileira de História das Religiões, ABHR. Trata-se de um espaço dedicado à publicação da pesquisa acadêmica acerca da religião, em suas diversas manifestações e abordagens. Sua primeira publicação foi no ano de 2010. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/index>>

ANPUH - Associação Nacional dos Professores Universitários de História foi fundada em 1961 no estado de São Paulo. A entidade trazia na sua fundação a aspiração da profissionalização do ensino e da pesquisa na área de história, opondo-se de certa forma à tradição de uma historiografia não-acadêmica e autodidata ainda amplamente majoritária à época. O quadro atual de associados da ANPUH reflete a diversidade de espaços de trabalho hoje ocupados pelos historiadores em nossa sociedade. A abertura da entidade ao conjunto dos profissionais de história levou também à mudança do nome que, a partir de 1993, passou a se chamar Associação Nacional de História. Disponível em: <<http://site.anpuh.org/index.php/quem-somos>> Acesso em: 26/01/2017.

Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião é uma publicação trimestral do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, classificada como A1 no QUALIS de sua área (Filosofia, subcomissão Teologia). Primeira publicação em 1997. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/archive?issuesPage=5#issues>> Acesso em: 26/01/2017.

Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião é uma publicação acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da UFJF. A proposta da revista Numen é ser um espaço para a divulgação de pesquisas, preferencialmente de doutores, relevantes para a compreensão da religião, com abertura para perspectivas diversas. Numen não se concebe como veículo de divulgação religiosa, mas sim de compartilhamento de estudos comprometidos com a abordagem necessária no âmbito de estudos de pós-graduação. Primeira publicação em 1998. Disponível em: <<https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/issue/archive>> Acesso em: 26/01/2017.

negra não usufruiu dessas riquezas, sendo negada a estes durante todo o período escravista e se transformando em desigualdades materiais no pós-abolição (MOURA, 1989).

Embora toda esta relação de opressão, estigmatização e marginalização tenha recaído sobre a população negra ao longo do período escravagista – e pós-abolição –, Moura (1989) destaca a importância da quilombagem⁴ para a resistência social e política no contexto desumanizado em que se encontravam. Assim, constituído pela violência devido seu aspecto radical, a quilombagem possibilitou a reconfiguração de novas relações sociais, econômicas e políticas em cada quilombo, fortalecendo-os enquanto grupo étnico.

Para além do aspecto do povoamento do Brasil pelos negros africanos, Moura (1989) ressalta a participação do negro no período colonial em todas as esferas sociais, pois seu trabalho fortaleceu a economia; diversificou a cultura - posto a multiplicidade cultural das sociedades africanas - e participaram na vida política nacional, ainda que tratados como massa de manobra pela classe senhorial racista que os colocavam em certas lutas para satisfazerem seus objetivos estratégicos (MOURA, 1989).

No que tange a miscigenação, Santos (2010) e diversos teóricos afirmam que no período colonial este processo é concebido baseado na violência colonial, cujas consequências se reverberam até os dias atuais no Brasil. Nesse sentido, é nesse contexto em que o projeto de miscigenação toma curso, sendo esta, fruto da violência e do estupro de mulheres negras e indígenas pelos portugueses.

Na segunda metade do século XX, diversos autores buscaram compreender a situação material em que se encontram os negros devido às desvantagens históricas. Destacam-se, num primeiro momento, os estudos de Fernandes (1964), Hasenbalg (1988) e Silva (1988) que, embora suas contribuições teóricas não se eximam, autores como Telles (2003) e Hanchard (2001) exploram mais analiticamente as implicações políticas das relações raciais.

Segundo Marçal (2012), importantes estudos como Brasil (2004) e IPEA⁵ (2008) “sugerem a existência de uma cultura racista no Brasil que se constitui num fator estruturante do comportamento coletivo e estabelece a naturalização de uma hierarquia racial” (MARÇAL, 2012, p. 23). Consequentemente, com o auxílio de ideologias racistas que operam historicamente no imaginário coletivo fomentando a crença na inferioridade de negros e indígenas e na superioridade de brancos, temos a naturalização da condição socioeconômica desses grupos. Sendo assim, raça é uma categoria fundamental para se compreender a estruturação das desigualdades e relações sociais.

No que tange mais especificamente ao mercado de trabalho, segundo José Jorge de Carvalho (2006, p.116), no início do século XX, “os negros foram excluídos tão intensamente do mercado de trabalho que, já em 1901, 90% dos operários industriais de São Paulo eram imigrantes.”

Como resultado de tais exclusões socioeconômicas, instituiu-se a perpetuação das desigualdades raciais e sociais entre negros e brancos no contexto brasileiro, concedendo aos negros as piores estatísticas no que se refere à renda, mobilidade social, mercado de trabalho e vulnerabilidade social.

Além disso, permanece no imaginário coletivo estereótipos negativos que recaem sobre os corpos negros, associando sua imagem à pobreza, criminalidade e baixa escolaridade. Com isso, a discriminação racial e o racismo continuam a estabelecer entraves sociais aos negros (SANTOS, 2010).

Constatada a condição material desigual em que se encontra a população negra, bem como a importância de se demarcar identidades étnicas como ação política contra-hegemônica⁶ dos grupos subalternizados, é de suma importância que tais debates tenham a visibilidade que demandam no campo das Ciências da Religião, pois no que concerne a construção da identidade cultural, a religiosidade pode ser um fator social determinante. Assim, cultura e religiosidade podem estar interligadas em diversos

⁴ Segundo Moura (1989), quilombagem foi um movimento emancipacionista que antecede o movimento liberal abolicionista, constituído pela violência devido seu aspecto radical e a reconfiguração de novas relações sociais, econômicas e políticas em cada quilombo, sendo um conjunto de manifestações e protestos de cunho social e racial do séc. XIX (Ex: insurreição baiana 1835). Tinha como centro o quilombo, embora sua manifestação não se restrinja a ele, no qual a concentração demográfica e a mobilidade social horizontal eram constantes.

⁵ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4729/1/Comunicado_n4_Desigualdade.pdf> Acesso em 28/01/2017.

⁶ Para Gramsci, a construção de uma contra-hegemonia pode organizar-se no campo cultural e educacional por meio da sistematização de uma concepção de mundo coerente e própria dos grupos subalternizados. Ver **Cadernos do Cárcere** para melhores análises deste autor.

contextos. Um exemplo desta interligação encontra-se no sentimento de pertença que, segundo Silva, Ávila e Maciel (2010) é inerente à condição humana.

(...) pertencimento ou sentimento de pertencimento é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações (AMARAL, 2006, p. 57).

Nesse sentido, o contexto religioso pode fornecer mecanismos que promovam o fortalecimento grupal por meio das relações estabelecidas entre as diferentes religiões e culturas, podendo a experiência religiosa “contribuir para a vida social e comportamentos coletivos” (Castilho e Le Bourlegat, 2006, p. 18).

Um exemplo destas relações estabelecidas entre cultura e religião por meio do fortalecimento grupal é dado por Filho (2016) que, em suas análises sobre a vocação da periferia e do negro ao pentecostalismo, afirma estar presente no DNA do pentecostalismo os *genes do popular* que tende a unir as diversas culturas excluídas e marginalizadas, na qual a teologia pentecostal se apresentou como um refúgio à opressão da cultura branca, reforçando a identidade étnica e os fortalecendo enquanto grupo oprimido da ordem social estabelecida.

Como isso, determinantes econômicos – renda e ocupação – são de suma importância para se compreender as violências físicas e simbólicas⁷ que o povo preto vivencia nas áreas marginalizadas. Não obstante, ao considerar determinantes como a cultura e a religião constata-se a relevância qualitativa nos que possuem nos percentuais, pois tais determinantes podem ser capazes de influenciar os próprios fatores monetários (FILHO, 2016).

Assim, sabendo da diversidade cultural que forma a identidade nacional e étnica brasileira, iremos pontuar as principais abordagens sobre estes temas, objetivando alcançarmos o debate sobre a importância que os estudos étnicos e raciais devem ocupar nas Ciências da Religião.

2. IDENTIDADE NEGRA: ENTRE AS CONTRADIÇÕES E AS AFIRMAÇÕES ÉTNICAS

Com o intuito de abordarmos brevemente as problemáticas que envolvem as identidades étnicas e culturais, iremos refletir sobre o que antropólogos, sociólogos e pesquisadores nos deixaram como contribuição teórica para compreendermos minimamente a temática. Assim, iniciaremos com os aspectos que caracterizaram a formação da identidade nacional do povo brasileiro até chegarmos ao debate sobre demarcações identitárias étnicas negras.

Schwarz (1999), em seus estudos sobre a questão racial e étnica alega que desde os primeiros anos pós-independência o processo de criação da identidade nacional se tornou um dos principais ideais políticos do período. Sendo assim, a questão da identidade étnica e cultural do Brasil se tornou estratégica, tendo em vista a formação do Estado sem a consolidação de uma nação (sociedade civil).

No século XIX, o Darwinismo Social de Spencer se popularizou entre cientistas sociais e antropólogos com um discurso que servia como mecanismo de manutenção à desigualdade de raças e classes sociais com os atributos negativos que tal teoria concedia aos grupos sociais considerados inferiores (SEYFERTH, 1995). Entretanto, tendo em vista que esses argumentos biológicos sobre as raças seriam um entrave para a formulação de uma identidade nacional brasileira, a tese da degeneração das raças e degradação da nação devido à miscigenação cai em descrédito.

Assim, nos anos 1930, além de argumentos que negavam o conflito entre as raças, passou-se a ter o repúdio a teorias darwinistas do século XIX que viam a miscigenação como degeneração das raças (SCHWARZ, 1999). Com isso, foi com Gilberto Freyre, no livro *Casa Grande e Senzala*, que a nacionalidade brasileira foi marcada pelo distintivo da mestiçagem.

⁷Para Bordieu, a violência simbólica pode ser entendida como fazendo parte das estruturas subjetivas de dominação, que funciona como elemento formador cultural que confirma ou transforma a visão de mundo do indivíduo. Ver **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

Para o Freyre, apesar de toda violência sofrida pelos negros e indígenas no período da escravidão, a mestiçagem trouxe uma cultura com aspectos bem específicos, tanto positivos, quanto negativos que pautam comportamentos e ações dos brasileiros. Nos aspectos negativos, *Casa Grande e Senzala* descreve de forma magistral e contundente, a cultura autoritária que nos foi legada pela terrível escravidão. Um bom exemplo são os castigos corporais [o uso de varas, palmatórias e outros] que mestres e professores, pais e mães, de todos os segmentos sociais, lançavam mão para “educar” as crianças, inclusive as brancas e herdeiras da Casa Grande, fomentando a cultura da violência que até os dias atuais estruturam as relações sociais. Assim, Freyre afirma que as bases da sociedade brasileira foram formadas numa estrutura agrária, escravocrata na técnica de exploração econômica e de composição híbrida – ou seja, índios, negros e portugueses. Consequentemente, as contribuições étnicas e culturais dos negros de diáspora, dos índios e dos portugueses promoveram relações antagônicas entre esses grupos, mas que apesar disso, se convergia para a miscigenação que tornava a identidade do brasileiro singular.

Acrescidos a este mito das três raças, inicia-se, segundo Schwarcz (1999) um processo de desafrianação dos elementos culturais africanos, pois estes são simbolicamente clareados, tendo a imagem do mestiço como síntese do brasileiro que não se aproxima dos traços negróides, mas também não é branco. Nesse sentido, a existência do mestiço representa dois aspectos: o de obstáculo classificatório de raças; e a inexistência de conflito entre as raças.

Como consequência, há a inibição de conflitos simbólicos e materiais ao sugerir a convivência harmoniosa entre as três raças, outorgando lugares sociais determinados na estrutura da sociedade aos negros e indígenas.

Em contrapartida, embora este construto ideológico que concedia à mestiçagem principal meio para se resolver o “problema do negro” tenha sido muito bem difundido, este engodo não foi comprado por todos. Houve muita resistência da própria população negra, que repudiava qualquer idéia que viesse afirmar a existência de uma harmonia na relação entre as raças e a inexistência do racismo (SANTOS, 2010).

Um bom exemplo disso foi a atuação da Frente Negra Brasileira (FNB) que, nos anos 30, organizou jornais e congressos chamando a atenção para os problemas que afligiam a “população de cor”: exclusão econômica, analfabetismo massivo e mobilidade social negativa (SANTOS, 2010, p. 05).

Segundo Guimarães (2012), W. E. B. DuBois⁷ foi o primeiro a teorizar “raça negra” não como fator biológico, mas próximo ao que seria chamado de “cultura” mais tarde por Franz Boas. O objetivo desse intelectual era desenvolver meios para a emancipação cultural independente de negros americanos.

Analisando o processo de ressignificação das palavras “raça”, “negro”, “classe”, “homens de cor” e “preto” num percurso histórico no Brasil, Guimarães (2012) estudou as transformações semânticas dessas palavras para a reconstrução da identidade, auto-estima e fortalecimento do grupo oprimido. Nesse sentido, Guimarães (2012) pontua três utilizações da palavra “negro” nos diferentes períodos: utilizado para designar pessoas de cor mais escura (séc. XVI/ XVII); utilizado para designar pessoas e povos de status social ou constituição biológica inferior (séc. XIX) e utilizada como autodefinição dos povos em seus movimentos de libertação colonial e de recuperação da auto-estima - identidade, ressignificação (séc. XX/XXI).

Contudo, com os processos de ressignificação das terminologias aliado a politização dos negros, Santos (2010) afirma que foi a organização Frente Negra Brasileira quem revalorizou a palavra *negro* de forma a exaltar positivamente este grupo. Assim, “desde então, negro deixou de ser sinônimo de escravo, de inferioridade racial, passando a ser visto como identidade positiva de pessoas denominadas como pretas, pardas, mulatas, mestiças (...)” (SANTOS, p. 06, 2010).

⁷ O sociólogo, historiador e ativista William Edward Burghardt Du Bois, nascido em 23 de fevereiro de 1868, no estado de Massachusetts (EUA), foi, ao longo da primeira metade do século XX, um dos principais nomes da luta pela justiça social e contra o racismo e é, até hoje, celebrado como o pai do movimento de tomada de consciência pelo povo negro da constante violência e violação de direitos a que era submetida. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=40672>> Acesso em: 28/01/2017.

Nos anos 1950/60, junto a Oracy Nogueira e Florestan Fernandes, Pierson, (1951), Willems (1948), Mussolini (1952) e Antônio Candido (1964) elaboraram seus estudos sobre relações raciais e étnicas pelo viés marxista de perspectiva sociológica, nomeado estudos de comunidade. Contudo, estes teóricos acreditavam em desigualdades raciais sustentadas por desigualdades sociais, sendo a supressão destas solucionada por meio da modernização/democratização das instituições, não por meio do enfrentamento de suas especificidades (SCHWAREZ, 1999).

Nesse sentido, Seyferth (1995) problematiza a respeito da centralidade em que a variante classe social ocupa nos estudos sobre as questões raciais, obscurecendo todos os outros fatores. Assim, afirma que é importante ressaltar que o negro é marginalizado, em primeira instância, porque é negro. Portanto, nem miscigenação e tampouco a ascensão social são capazes de anular o preconceito racial no Brasil.

Nenhum indicador da posição de classe é capaz de suprimir o estigma da raça numa sociedade onde os lugares sociais atribuídos aos não brancos são o elevador de serviço, a cozinha ou, de forma simbólica, a senzala (...) (SEYFERTH, 1995, p. 194).

Posteriormente, num cenário de grandes tensões políticas dos anos 1960/70, funda-se o MNU⁹ em São Paulo. Com isso, diversos intelectuais negros como Clóvis Moura (1977, 1981) e Abdias do Nascimento (1978) publicaram livros cuja principal análise centrava no desvendamento da discriminação racial e suas nuances, racializando mais os questionamentos de produções acadêmicas anteriores.

No que se refere aos estudos sobre etnicidades, os ensaios de F. Barth (1969) são relevantes. A autora acrescentou aos vieses biológicos e culturais a dimensão social. A identidade passa, com isso, a ser compreendida como “grupos de relação” que se dialogam e organizam socialmente, cujos membros se identificam. Assim, a autora concebia a identidade como algo dinâmico, sujeito a resignificação e mudança. Ou seja, “a identidade não é, portanto, atemporal e imutável em seus traços culturais (...). Ela resulta da ação e reação entre esses grupos e outros, num tipo de jogo que não pára de se alterar” (SCHWAREZ, p. 295, 1999).

Segundo Schwarez (1999), Barth também identifica o traço decisivo da identidade, que repousa sobre a auto-atribuição ou da atribuição de outros a um grupo étnico. Outro estudioso sobre o tema foi Cunha (1985), que afirmou ser por meio da tomada de consciência das diferenças que a identidade se forma, preservando a memória e promovendo o esquecimento. Assim, Schwarez (1999) reconhece que tais análises contribuíram para o entendimento de que não há identidades essenciais, mas identidades entendidas enquanto ‘construto social’.

Santos (2010) afirma sobre *etnia* ou *etnicidade* como sendo tudo o que engloba concepções e crenças religiosas, práticas culturais, línguas e representações de mundo partilhadas por um determinado grupo. No que tange a identidade étnica, pode-se dizer que esta, está sempre relacionada à cultura de um povo. Nesse sentido, para o autor, o que chamamos de identidade é a cultura de um povo alicerçada em práticas culturais. Sendo assim, toda a identidade é construção social e histórica, sendo a demarcação de identidades ferramenta que pode objetivar auto-proteção, defesa de interesses e reversão da opressão.

Outro teórico que trouxe contribuições para o debate das etnicidades foi Carvalho (2006), que interpretou o racismo brasileiro por meio da noção de “duplo vínculo”. Para este autor, a maneira com a qual as relações sociais se estruturaram no pós- abolição se caracterizaram pela ausência de demarcação da diferença, o que dificultou a construção de uma identidade coletiva para o negro e velou o racismo. Nesse sentido, como salienta Kabengele Munanga (2008):

[as] elaborações especulativas e ideológicas vestidas de cientificismo dos intelectuais e pensadores dessa época ajudariam hoje, se bem interpretadas, a

⁹ Para Cardoso (2013) no que tange a luta contra a opressão racial, destaca-se a fundação em 1978 do Movimento Negro Unificado (MNU), que embora tenha sido fundada no contexto de ditadura militar, conseguiu estabelecer mudanças sólidas reivindicar políticas direcionadas à população negra no país. CARDOSO, Franciele. **Memória e Luta Política do Movimento Negro Unificado**, 2013.

compreender as dificuldades que os negros e seus descendentes mestiços encontram para construir uma identidade coletiva, politicamente mobilizadora (MUNANGA, 2008, p. 48).

Assim, afirma Marçal (2012) que no Brasil, oposto de outros países multirraciais, aos negros foi negado o direito de se ter uma identidade para afirmar ou negar. Contudo, reitera que “a ausência de conflitos raciais pode evidenciar não a inexistência do racismo, mas o grau de opressão material e simbólica em que a maioria da população negra vivencia no Brasil” (MARÇAL, p. 52. 2012).

Diante disso, configura-se a dificuldade de solidariedade entre o grupo social e barreiras para se constituir uma identidade coletiva positiva do negro, prejudicando a saúde mental e psicológica dos indivíduos pertencentes a este grupo estigmatizado e marginalizado. Portanto, numa sociedade multirracial e multicultural, torna-se cada vez mais imprescindível a reivindicação do direito à diferença, levantando como proposta contra-hegemônica as particularidades peculiares a cada grupo étnico afirmando criticamente a diversidade (MARÇAL, 2012).

Para tanto, faz-se necessário o agrupamento dessas minorias, de modo a se organizarem coletivamente objetivando inserir suas questões sociais e materiais nas pautas políticas que ainda não os inclui devidamente. Assim, o investimento em programas governamentais que construam uma imagem negra positiva e políticas de ação afirmativa e promoção da igualdade racial são imprescindíveis em uma sociedade que preze cessar as desigualdades sociais e estruturantes, possibilitando a equidade entre todos os grupos (SANTOS, 2010).

Constata-se, portanto, que a superação das pseudociências das raças, que negligenciava a diversidade humana, levou posteriormente a diferentes ideologias políticas de valorização das identidades e culturas. Dessa forma, “todas as identidades sociais são ou podem ser instrumentalizadas politicamente, ou seja, serão utilizadas direta ou indiretamente visando a determinados fins.” (SANTOS, 2010, p. 09,).

Entretanto, esta instrumentalização política das identidades étnicas pode ser desenvolvida em um contexto religioso – como veremos posteriormente-, tendo em vista a influência que a religiosidade exerce sobre valores sociais, morais, comportamentos e atitudes do praticante.

Dessa forma, ao ampliarmos as teses sobre estratégias de constituição identitária negra, observaremos que em relação às religiões, há uma pluralidade de vivências religiosas negras a serem analisadas, pois os contextos sociopolíticos e religiosos que este grupo étnico se encontra são distintos, mesmo fazendo parte de uma mesma coletividade.

Sendo assim, iremos, no próximo item, debater sobre as diferentes experiências religiosas vivenciadas pelo grupo étnico negro, que podem nos sugerir novas fórmulas de construção da identidade e de novas definições sobre a negritude nos cenários religiosos brasileiros.

2. PRINCIPAIS ABORDAGENS SOBRE NEGRITUDE E RELIGIOSIDADE NAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Visando problematizar sobre o sentimento de pertença, religiosidade e identidade étnica/cultural negra presente na Comunidade remanescente de quilombo São João Batista, Silva, Ávila e Maciel (2010) ressaltam o sincretismo religioso tanto nas religiões de matriz afro (catequização/cristianização) quanto da Igreja Católica local, modificando e alterando ritualísticas e liturgias de cada dimensão religiosa (Católica e Africana).

Nesse sentido, para os autores o sincretismo religioso consistiu num fenômeno concretizado no período do Brasil Colônia e Império, no qual religiões de matriz africana se adaptaram aos rituais de fé católica. Como resquício da imposição dos costumes e valores morais europeus, predomina ainda nos dias de hoje uma intolerância à religiosidade e cultura afrodescendentes.

Contudo, há de se evidenciar os processos de resistência vindos dos elementos religiosos dos africanos no período escravagista. Com isso, salientam que a manifestação religiosa de cada povo que habitou o Brasil em sua formação (negros, indígenas e europeus) teve como consequência o sincretismo religioso e cultural, dando origem as religiões afro-brasileiras (SILVA, ÁVILA e MACIEL 2010).

No que diz respeito à identidade religiosa da comunidade São João Batista, esta se diz católica. Porém, os elementos religiosos de matriz cultural africana estão fortemente enraizados naquele contexto. O início da festa de São João Batista foi no ano de 1922 na cidade de Coxim. A festa foi realizada após uma promessa feita a São João Batista pela matriarca Maria Rosa Anunciação, cujo pedido era referente à saúde de seu filho José Soares Magalhães, que havia nascido prematuro e doente. Com a recuperação da saúde deste, a matriarca prometera rezar o terço e fazer uma festa enquanto vivesse em homenagem a São João Batista. Até os dias atuais, esta homenagem ao Santo católico é comemorada, transformando-se em tradição. A comemoração é realizada nos dias 23 e 29 de junho na Associação Familiar Comunidade Negra São João Batista (AFCN)¹⁰, situada no Bairro Santa Branca e aberto a toda comunidade (SILVA, ÁVILA e MACIEL 2010).

Os autores pontuam alguns aspectos que diferenciam a missa afro de uma missa comum, pois durante as ritualísticas identifica-se claramente o resgate de valores culturais africanos. Padre Josuel destaca alguns, sendo eles: a natureza, os antepassados, a festa, a dança e a comida.

(...) durante todo o ritual litúrgico está presente o som dos atabaques e o compasso de danças e saudações de paz com a palavra "axé"; as pessoas permanecem descalças, em contato com a terra; as vestes têm motivos africanos; os cantos executados fazem alusões à cultura e à história dos negros; as figuras de Zumbi e a Negra Mariama¹¹ são lembradas em vários momentos (SILVA, ÁVILA e MACIEL 2010, p. 55).

Os autores afirmam que a necessidade de se organizar institucionalmente em pastorais afro-brasileiras decorre de iniciativas diferenciadas de negros católicos na missão da Igreja. Esta informação está de acordo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Assim, a Igreja Católica volta-se para os afrodescendentes da comunidade quando incorporam seus elementos culturais e parte da cosmovisão africana nessa instituição religiosa. Assim, de acordo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a criação da Pastoral Afro-brasileira evidencia o direcionamento às demandas específicas no tocante às populações negras católica. As discussões levantadas nesses encontros são relativas à luta pela titulação de terras que foram quilombos, questões políticas e sociais. Entretanto, não são apenas afrodescendentes quem participam (SILVA, ÁVILA e MACIEL 2010).

Como consequência dessas relações sociais estabelecidas em âmbito religioso, temos a construção de redes e articulações que possibilitam o desenvolvimento socioeconômico e político dessas comunidades, além de melhorar a qualidade de vida. Outro elemento de suma importância para a Comunidade São João Batista é a tradição.

Quanto a Missa Afro na Comunidade, observou-se que a mesma é vivida com muita intensidade ressaltando o orgulho de ser comunidade negra, por meio do reavivamento da espiritualidade trazida da África. A missa é uma reflexão sobre o

¹⁰ A Associação Familiar Comunidade Negra São João Batista (AFCN) é uma associação civil sem fins lucrativos cujos associados são membros das famílias Anunciação e Bispo que tem dentre seus principais objetivos: a preservação das raízes culturais; estudo e divulgação da cultura afro-brasileira; a elaboração e execução de projetos que promovam maior autoestima e desenvolvimento socioeconômico e educacional para Comunidade, como também, para outras comunidades afrodescendentes e acima de tudo, buscando o fortalecimento e a união entre as famílias (SILVA, ÁVILA e MACIEL 2010).

¹¹ Negra Mariama: ícone maior da espiritualidade afro no que se refere à devoção a Maria (Nossa Senhora). Representa a opção de Deus para com os negros, os pobres mais pobres nos tempos da escravidão, quando ela apareceu toda negra (Silva, 2007).

passado. A Comunidade conta a história de um povo negro, revive o seu sofrimento, sua luta e sua resistência. Cada momento da celebração é um convite à valorização de sua memória e sua cultura (SILVA, ÁVILA e MACIEL, 2010, p. 60).

Constata-se, dessa forma, que um dos aspectos mais importantes que possibilitam o entendimento sobre o sentimento de pertença está alicerçado no cultivo da tradição. Ou seja, no reforço do passado transmitido e compartilhado com as gerações futuras, fortalecendo o sentimento de afetividade entre esses.

Portanto, a religiosidade nesse contexto tem um papel social central, posto a influência que exerce sobre as atitudes, comportamentos, valores sociais e morais e sobre a vida material dos residentes da comunidade (SILVA, ÁVILA e MACIEL, 2010).

Realizando uma análise da trajetória política do ex-deputado federal, parlamentar e iurdiano Reginaldo Germano, relator do Projeto de Lei do Estatuto da Igualdade Racial na Câmara dos Deputados, Santos (2013) questiona sobre a possibilidade de se construir uma identidade negra numa religiosidade neopentecostal.

Utilizando do material legislativo produzido pelo deputado, bem como dos discursos proferidos pelo parlamentar para embasar sua análise, a autora objetivava pensar como se constituiu a relação entre as questões raciais e o Protestantismo (Pentecostalismo/Neopentecostalismo) (SANTOS, 2013).

Segundo Santos (2013) Reginaldo Germano chegou a Salvador/BA para atuar como pastor em 1997. Membro da Igreja Universal do reino de Deus (IURD) é candidato em 1998 pelo PMDB a deputado federal, contando com o apoio da IURD. Seguindo como membro da IURD e representante político, Germano atua como deputado federal pelo estado da Bahia entre os anos 1999 e 2006.

O parlamentar vestia-se com indumentárias africanas e proferia discursos sobre demandas raciais, mas seu embasamento político e ideológico era neoliberal, tendo posicionamentos relativos aos da Direita. Durante sua trajetória política, passou por partidos como o Partido da Frente Liberal, Partido Progressista e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (SANTOS, 2013).

As pautas levantadas em seus discursos eram referentes majoritariamente aos direitos sociais dos negros e por melhores condições de vida desse grupo. Destacou-se na arena política quando foi chamado para ser relator da comissão que criou o Estatuto da Igualdade Racial. Assim, o deputado levantava as questões raciais e sociais que marginalizava a população negra sem, contudo, deixar de lado a defesa dos interesses da IURD. Santos (2013) ressalta que o posicionamento do deputado sobre as demandas da população negra pode ter sido motivado pelo preconceito racial vivenciado.

Embora seus discursos fossem mais voltados para as questões raciais – 66 eram relativos ao racismo e questões raciais e apenas 23 para aos interesses da IURD -, nos momentos em que os interesses religiosos e a identidade racial eram postos em conflito, seu posicionamento político voltava-se para os interesses da IURD. Dessa forma, a hostilização e o ataque as religiões de matriz africana eram visivelmente característicos de sua postura política quando colocada em pauta. Ser iurdiano consistia na negação das manifestações religiosas africanas (SANTOS, 2013).

Não obstante, como afirma Santos (2013), o preconceito religioso de Germano não o impediu de arrecadar verbas para a implementação de programas e projetos ligados aos grupos das religiões afro. A sede do Ilê Ayê, por exemplo, foi construída com o auxílio do deputado iurdiano, que arrecadou verbas necessárias aos recursos. Outro aspecto que marcou a trajetória do deputado Germano foi sua boa relação com lideranças negras de renome no contexto político e social baiano, cuja participação nas audiências públicas sobre a reelaboração do Estatuto da Igualdade Racial era constante.

A despeito das limitações impostas pela condição religiosa de Reginaldo Germano é possível afirmar que ele teve um papel relevante na construção deste estatuto, um marco que tange a construção de políticas públicas para o negro na sociedade brasileira (...) (SANTOS, 2013, p. 09 e 10).

Outra iniciativa de Germano foi à criação de um movimento negro evangélico chamado MONEBA – Associação Nacional do Movimento Negro Evangélica, no qual reivindicava as demandas raciais amparado em preconceitos e convicções religiosas.

Em última instância, Santos (2013) levanta questionamentos contundentes a respeito da negritude e vínculos religiosos, tendo como base a trajetória política de Reginaldo Germano. Sendo assim, afirma que ser combatente das discriminações e intolerâncias que instituições religiosas de

matrizes africanas são vítimas não significa a associação imediata do ser negro a essas práticas religiosas. Assim, indaga: “Como ignorar que nos templos evangélicos no Brasil, mas principalmente nos templos baianos, a maior parte de seus freqüentadores é negra?” (SANTOS, 2013, p. 12). Citando John Burdick (2002), a autora reflete as peculiaridades que permeiam o debate sobre as religiosidades e a identidade étnica negra:

Atualmente, há no Brasil um profundo antagonismo, sem praticamente nenhum canal de comunicação, entre o movimento negro organizado e o movimento pentecostal. Do lado do movimento negro, o pentecostalismo é visto como inimigo porque está impregnado da tradição religiosa européia e porque declarou guerra à religião afro. Enquanto isso, os pentecostais solidários com a luta contra o racismo sentem-se alienados do movimento negro por causa, entre outras razões, do compromisso deste último com as religiões afro. Trata-se, sem dúvida, de gigantescas barreiras ideológicas à colaboração entre os dois movimentos (BURDICK, 2002:20, p. 14).

Assim, com a lacuna de estudos referentes à diversidade cultural e religiosa no Brasil, buscamos realizar, no próximo item, um breve levantamento das principais revistas das Ciências da Religião para que possamos visualizar a situação em que se encontra o debate sobre o racismo e a identidade negra, denunciando a ausência desses estudos nas diversas religiosidades brasileiras e a centralidade que ocupam as análises sobre vivências religiosas de matriz africana em detrimento das católicas e pentecostais. Além disso, os dados irão nos sugerir novas fórmulas de se compreender as comunidades afrodescendentes quando estas, afirmam novas identidades e novas práticas políticas e religiosas.

4. LEVANTAMENTO DOS ESTUDOS EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO SOBRE IDENTIDADE NEGRA E RELIGIOSIDADE

Tendo em vista a importância do debate das questões raciais no contexto institucional religioso, buscamos realizar um breve levantamento quantitativo nas principais revistas eletrônicas acadêmicas da Ciência da Religião e demais áreas de conhecimento cujas temáticas são abordadas. Para tanto, utilizamos como critério de seleção dos artigos a presença ou ausência das temáticas racismo e identidade negra relatadas nas publicações que questionam as experiências religiosas dos negros desde as Igrejas Pentecostais, passando pelas instituições católicas e de matriz africana. Posteriormente, o levantamento de dados referentes à cor e formação acadêmica dos pesquisadores cuja temática racial foi abordada alicerçada aos estudos sobre as diferentes manifestações religiosas.

Para tanto, conforme os critérios já citados para a escolha das principais revistas a serem analisadas, realizamos a coleta de dados das revistas ANPUH (Revista Brasileira de História – Associação Nacional de História), da revista Horizonte (Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião), Numen (Revista de Estudos e Pesquisa da Religião), PLURA-ABHR (Revista de Estudos de Religião – Associação Brasileira de História das Religiões), Religião e Sociedade e Rever (Revista de Estudos da Religião), totalizando seis periódicos. Ressalto que as informações obtidas neste artigo foram possíveis devido à disponibilidade dos periódicos nas plataformas das revistas.

Salientamos que o objetivo deste levantamento deve-se à importância do debate sobre as diversidades culturais e étnicas brasileiras alicerçadas às diferentes manifestações religiosas, cuja centralidade volta-se ao grupo social negro. Nesse sentido, acreditamos que as demarcações identitárias dos negros bem como todo o processo que constitui o “tornar-se negro”¹² devem ser analisadas sobre todas as esferas da vida social deste grupo, incluindo a religiosa.

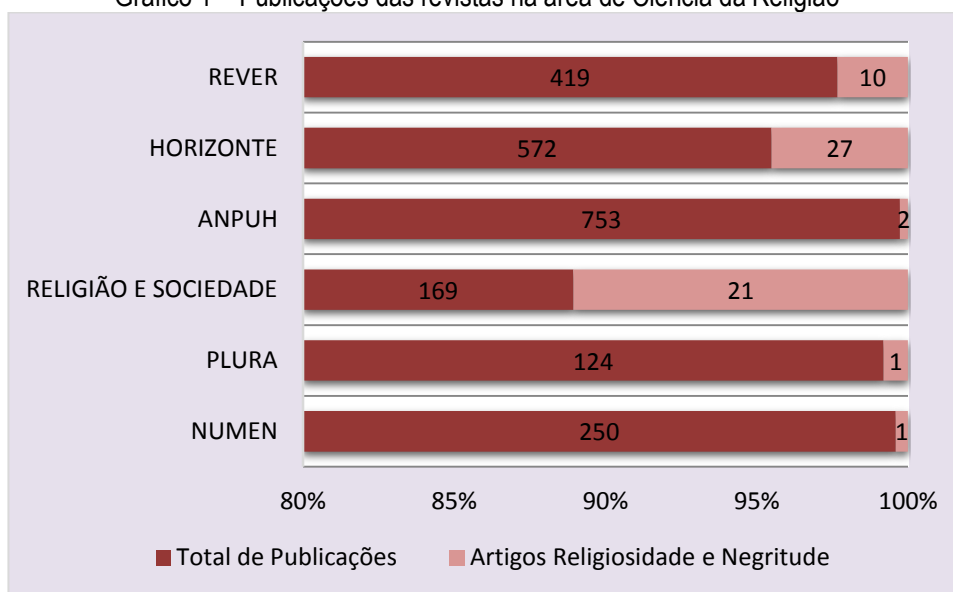
¹²O termo “torna-se negro” ficou reconhecido com a publicação do livro *Tornar-se Negro* de Neuza Santos (1983), que mostra como a perversa idéia de “limpeza do sangue” se faz presente no imaginário social do brasileiro, pois o discurso que associa a raça negra a miséria e inferioridade teve esta idéia como contrapartida, embranquecendo as relações sociais e afetivas. Além disso, a psicanalista realizou importantes contribuições para o estudo dos efeitos psicológicos do racismo ao negro.

4.1. RELIGIOSIDADE, RAÇA E ETNIA EM PERIÓDICOS DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Após realizarmos o levantamento quantitativo das revistas ANPUH (Revista Brasileira de História – Associação Nacional de História), da revista Horizonte (Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião), Numen (Revista de Estudos e Pesquisa da Religião), PLURA-ABHR (Revista de Estudos de Religião – Associação Brasileira de História das Religiões), Religião e Sociedade e Rever (Revista de Estudos da Religião) por meio das plataformas que disponibilizaram as publicações dos periódicos desde o primeiro lançamento – com exceção da revista Religião e Sociedade -, contabiliza-se o total de 2.287 artigos, cujo resultado representa a soma do número de periódicos de cada revista. Em contrapartida, o total de artigos, fóruns e comunicações publicados que englobam a temática religião e religiosidade aliado a etnicidade negra é de 62 periódicos. Temos, assim, o percentual de apenas 3% de publicações sobre temáticas que abordam a cultura negra e os diferentes fenômenos religiosos.

O gráfico abaixo ilustra em percentual e valores absolutos a totalidade de artigos publicados em cada revista e a totalidade de artigos publicados sobre o tema religiosidade, raça e etnia nas Ciências da Religião.

Gráfico 1 – Publicações das revistas na área de Ciência da Religião



Fonte: Pesquisa Própria, 2017

Através do gráfico, nota-se que a única revista cujo percentual de artigos sobre identidade negra e religiosidade ultrapassou 10% foi a Religião e Sociedade, tendo o total de 169 periódicos lançados e 21 artigos cujas temáticas sobre raça, cultura e religião foram abordadas (12%). Temos, assim, a ausência ou quase que inexistência do debate sobre as questões étnicas e raciais no campo científico acadêmico que engloba a Ciências da Religião e a História das Religiões.

Para melhor demonstrarmos o panorama das 62 publicações, iremos realizar uma breve análise de conteúdo desses artigos para compreendermos que temáticas são mais abordadas, quais religiões ou religiosidades foram estudadas com mais ênfase e quais relações foram estabelecidas entre racismo, identidade étnica negra e religião. Posteriormente, iremos identificar os autores mais citados pelos cientistas da religião - indo desde os sociólogos, historiadores e antropólogos.

Ao analisarmos os 62 artigos – que equivale à soma de periódicos publicados em cada revista -, observamos que embora todos perpassem pelas questões étnico-raciais negra, as religiosidades abordadas variavam. Sendo assim, após a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, notamos que

cinco abordagens temáticas se sobressaíram, sendo elas: Religiões de matriz Africana; Religião Católica; Religiões Protestante, Pentecostal e Neopentecostal; Religiões no Brasil e Religiões Afro-indígenas. Ressalto que a ordem das temáticas está de acordo com a centralidade que cada uma ocupou nesses estudos, tendo as religiões de matriz africana maior espaço nos debates em detrimento das religiões afro-indígenas.

Os artigos cuja temática centralizava-se nas Religiões de Matrizes Africanas alicerçadas as etnicidades negra tinham abordagens diversas, mas os processos de desafricanização da Umbanda e de reafricanização do Candomblé e demais religiões afro-brasileiras foram as mais ressaltadas no que concerne a preservação da identidade negra e o sentimento de pertença grupal. Sendo assim, são artigos que tiveram uma relação mais direta com as problemáticas que envolvem o racismo.

Nos periódicos que estudam o Catolicismo e suas diferentes formas de instituição sócio-religiosa, nota-se que as abordagens majoritárias referiam-se as comunidades eclesiais de base, aos remanescentes de quilombo, as irmandades negras e ao Juazeiro.

Já na temática que engloba o Protestantismo, Pentecostalismo e o Neopentecostalismo, as análises dos artigos focam nos temas da violência, da criminalidade, da periferia urbana e da diversidade pentecostal. Observei que nestes periódicos, o racismo e suas nuances não ocuparam papel central no debate, pois as variantes socioeconômicas tiveram maior enfoque nos estudos.

Sobre Religiões no Brasil, os periódicos debatem em sua maioria a respeito da diversidade cultural no Brasil, além do pluralismo religioso. E as publicações sobre as Religiões Afro-indígenas analisam a cultura negra e ameríndia, a teologia negra e indígena, o sincretismo religioso e a interculturalidade.

Nesse sentido, mesmo com o baixo percentual de publicações que inter-relacionam os estudos sobre as manifestações religiosas e as diferentes formas de preservação étnica, podemos observar que há uma gama de temas a serem explorados, que perpassam determinantes sociais, econômicos, culturais e religiosos.

No que concerne ao jogo de palavras-chave que foram mais utilizados nos 62 artigos que relatam a religiosidade e a etnicidade negra, temos um conjunto de palavras que estão postas de modo decrescente no que diz respeito ao número de vezes em que foram utilizadas, como demonstra o quadro a seguir:

PALAVRAS-CHAVE MAIS UTILIZADAS NOS 62 ARTIGOS QUE ESTUDAM A RELIGIOSIDADE E A ETNICIDADE NEGRA

Religião; Religião-Afro; Candomblé; Pentecostalismo; Catolicismo e Igreja Católica; Identidade; Negro; Cultura; Favela; Periferia; Pluralismo Religioso; Pluralismo Cultural; Umbanda; Africana; Negritude e Interculturalidade.
--

Observamos também que há um diálogo entre as referências bibliográficas desses 62 artigos que abordam raça e religiosidade com autores que estudam as questões étnico-raciais, sendo predominante a citação de alguns autores como ilustra a tabela abaixo:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE AUTORES QUE ESTUDAM AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS 62 ARTIGOS
--

Kabengele Munanga, Lívio Sansone, Paul Gilroy, Stefania Capon, Ronaldo L Sales, Roger Bastide, Kathryn Woodward, Walter Praxedes, Júlio Jacobo Waiselfisz, Lilia Mortiz Schwarcz, Yvonne Maggie e Claudia Barcellos Rezende, John Burdick.
--

Além desses, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, filósofos e geógrafos também são citados nos trabalhos, a exemplo de:

Vicente Fideles Ávila, Clifford Geertz, Milton Santos, Noberto Bobbio, Pierre Bourdieu, Roberto Motta, Marx Weber, Émile Durkheim, Florestan Fernandes, Stuart Hall, Antonio Gramsci, Marilena Chauí, Antônio S. Guimarães, Jurgen Habermas, Renato Ortiz, Michael Foucault, Peter Burke, Zygmunt Bauman.

Abordando sucintamente as problemáticas que envolvem os artigos sobre religiosidade e etnicidade negra, iremos pontuar as principais problemáticas e métodos utilizados pelos pesquisadores, visando uma compreensão panorâmica da riqueza analítica desta temática. As observações ressaltadas foram feitas através dos resumos dos artigos.

No artigo *As heranças do Rosário: associativismo operário e o silêncio da identidade étnico-racial no pós-abolição, Laguna (SC)* de Sayão (2015), o autor busca trazer uma reflexão sobre a Sociedade Recreativa União Operária (1903), uma associação fundada por afrodescendentes vinculados à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Para tanto, considera a relação entre as associações, religiosa e leiga, o principal indicativo da ascendência africana dos sócios da Operária, uma vez que essa agremiação não afirmou, na primeira metade do século XX, uma identificação étnico-racial. Com isso, o ocultamento da raça ou cor em uma agremiação classista na cidade de Laguna, estado de Santa Catarina, apresenta-se como oportunidade de estudo sobre a associatividade afro-brasileira no pós-abolição.

Outra contribuição para os estudos sobre o tema foi a publicação do periódico *As irmandades de negros: resistência e repressão* da pesquisadora Valente (2011) que, após constatar poucos estudos sobre as irmandades de negros das Igrejas Católicas, ressaltando que as análises têm se restringido a observar o importante papel das irmandades na manutenção das crenças religiosas africanas. Assim, visa compreender o papel desempenhado pela resistência, sem o quê seria difícil entender a existência atual da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo, fundada em 1711, na região central da cidade. Segundo a autora, mesmo sua história se confundindo com a história das irmandades de negros em geral, nos oferece exemplo de como continuou a ser repositório da tradição popular, calcada em prática religiosa católica 'branca' e prática religiosa 'negra', pensada a partir do patamar da escravidão.

O artigo *Motivação eclesial luterana e inserção social entre comunidades quilombolas: a força da oralidade* também nos fornece importantes contribuições. Neste trabalho, Vanderlinde (2013) salienta que o artigo provém do resultado da pesquisa sobre a inserção socioeconômica do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (Capa) em territórios de remanescentes de quilombos no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil, que se caracteriza como uma entidade mediadora, que nasce de motivações eclesiais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) ao final dos anos de 1970. Segundo o autor, o objetivo do Capa é disseminar sistemas agroecológicos entre populações de pequenos agricultores a fim de criar possibilidades alternativas de sobrevivência sustentável no meio rural. Sendo assim, através do núcleo estabelecido na cidade de Pelotas-RS, o Capa passa a desenvolver atividades entre os grupos de remanescentes de quilombos neste início de século. Afirma que no encontro com os sujeitos da ação, emergem territorialidades específicas e constroem-se novas identidades. Para além da agroecologia emerge a força da fala. Sendo assim, a oralidade constitui-se num instrumental estratégico utilizado pela entidade que possibilita visibilidade social aos grupos com os quais interage. Tais relações acabam construindo novos saberes considerados essenciais para articular as comunidades diante dos desafios.

Sobre o crescente contingente de fiéis ao Pentecostalismo nas periferias, temos, dentre outras análises, *A vocação da periferia pelo pentecostalismo e o negro pentecostal na área do Mutirão em Bayeux em meio à segregação e pobreza* de Filho (2016). Neste artigo, o autor busca compreender a problemática da religião, da segregação e da pobreza convivem nas periferias e favelas, juntamente com a questão das exclusões, marginalizações e preconceitos. Salienta que este estudo, consiste no que chama de vocação pentecostal do negro na periferia, desde os seus primórdios até o seu reflexo e repercussão nas favelas. Estes apontamentos encontrarão uma convergência em quatro igrejas na área do Mutirão em Bayeux, composta por dois bairros: o Mário Andreazza e Comercial Norte, na periferia da região metropolitana de João Pessoa, na Paraíba. O trabalho foi realizado por meio da pesquisa de campo etnográfica com técnicas de entrevistas e pesquisa bibliográfica apropriada em uma amostra de 34 questionários aplicados em membros de quatro pequenas igrejas pentecostais na área do Mutirão em Bayeux: Assembleia de Deus - O Decreto, Igreja do evangelho Pleno, Assembleia de Deus das Mulheres Guerreiras e Igreja Batista Pentecostal Independente.

Portanto, com a explanação de apenas alguns dos artigos que abordam a temática raça, religiosidade e etnia, podemos afirmar que a exploração sobre o tema nos possibilita percorrer caminhos

variados para melhor compreendermos as relações e vínculos estabelecidos entre cultura, sociedade e religião, principalmente no que concerne ao grupo étnico negro.

4.2. DISTRIBUIÇÃO DOS PESQUISADORES SEGUNDO A COR

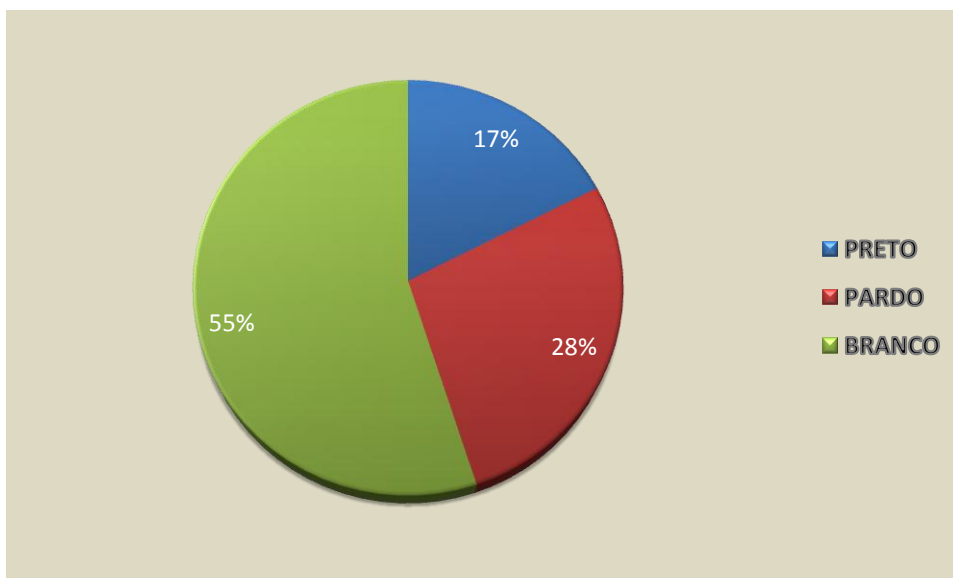
Com o intuito de identificarmos quem são os pesquisadores que realizaram seus estudos centralizando nas temáticas sobre negritudes, etnicidades e religiosidades, buscamos informações sobre a cor e a trajetória acadêmica de cada um, tendo como ferramenta de acesso a estes dados a atualização do currículo lattes (site Plataforma Lattes)¹³. Nesse sentido, com a ausência de algumas informações não atualizadas pelos pesquisadores, obtivemos lacunas em alguns resultados.

Para melhor problematizarmos a vigente escassez de periódicos que abordam as questões raciais e sociais nos diferentes fenômenos religiosos, distribuimos os pesquisadores segundo a cor, tendo as categorias preto, pardo e branco.

Houve um total de 77 pesquisadores que abordaram a etnicidade negra e a religiosidade em seus artigos, sendo disponíveis as informações sobre a cor de 40 desses (22 brancos, 11 pardos e 07 pretos). Sendo assim, obtivemos 52% das informações referentes à cor dos pesquisadores.

Gráfico 2 – Distribuição dos Pesquisadores segundo a cor

¹³ Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>> Acesso em: 28/01/2017.



Fonte: Pesquisa Própria, 2017

O gráfico acima constata que, aliada à problemática da ausência de artigos publicados nas diferentes revistas de estudos teológicos e científicos da religião, há a predominância de pesquisadores brancos que estudam as questões raciais e as constituições étnicas no cenário das religiosidades. Temos, portanto, para além do não protagonismo negro sobre as análises referentes às suas vivências e pertencimento étnico, o baixo percentual de intelectuais negros que formam o corpo científico dessas pesquisas (28% pretos e 17% pardos), podendo-se levantar algumas hipóteses sobre a justificativa dos baixos percentuais de periódicos que discutem a religiosidade e a etnicidade negra (12%).

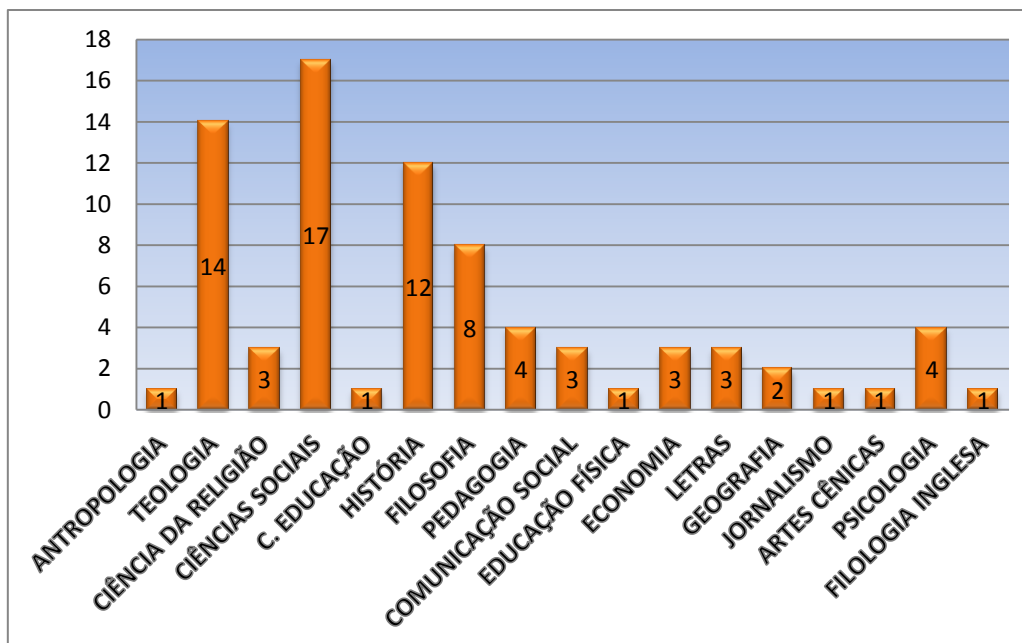
Sugerimos relacionar a pouca formação de intelectuais¹⁴ negros nos espaços acadêmicos aos poucos periódicos que analisam o racismo não como uma das variantes, mas como determinante central para as desigualdades raciais e sociais. Outro fator que pode estar relacionado a estes percentuais são os problemas estruturais que dificultam o acesso da população negra à educação pública, e por extensão, a universidade. Outra hipótese refere-se aos poucos quadros de professores negros e de grupos dedicadas às pesquisas com negros no meio acadêmico.

4.3. ÁREAS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO DOS PESQUISADORES

Ao analisarmos a trajetória acadêmica dos pesquisadores que abordaram em seus artigos a identidade étnica negra nas diferentes manifestações religiosas, optamos por separar a formação em duas: graduação e especialização (Pós-graduação ou Mestrado). Para tanto, tivemos na graduação 17 áreas de formação. Com o total de 77 pesquisadores, não obtivemos a informação da graduação de 07 desses. O gráfico abaixo ilustra em valores absolutos o total de graduações realizadas nas respectivas áreas.

Gráfico 3 – Áreas de Graduação dos Pesquisadores

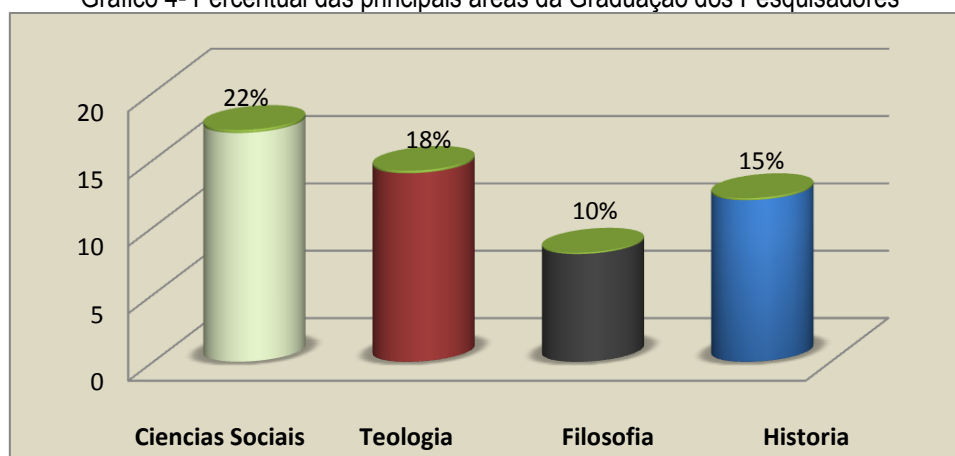
¹⁴Marçal (2012) em um dos capítulos que relata o papel social dos intelectuais orgânicos negros na história, relembra célebres nomes de pesquisadores e acadêmicos negros no cenário brasileiro. Dentre eles, nomes como Luiz Gama (1890-1882), José Correia Leite (1900-1989), Solano Trindade (1908-1974), Edson Carneiro (1912-1972), Abdias Nascimento (1914-2011), Guerreiro Ramos (1915-1982), Oliveira Silveira (1941-2009), Lélia Gonzalez (1935-1994), Beatriz Nascimento (1942-1995), Hamilton Cardoso (1953-1999), além de Neusa Santos (1951-2008).



Fonte: Pesquisa Própria, 2017.

Temos assim, quatro áreas de formação com maiores percentuais, sendo elas: Ciências Sociais (22%), Teologia (18%), História (15%) e Filosofia (10%). O gráfico abaixo demonstra os percentuais.

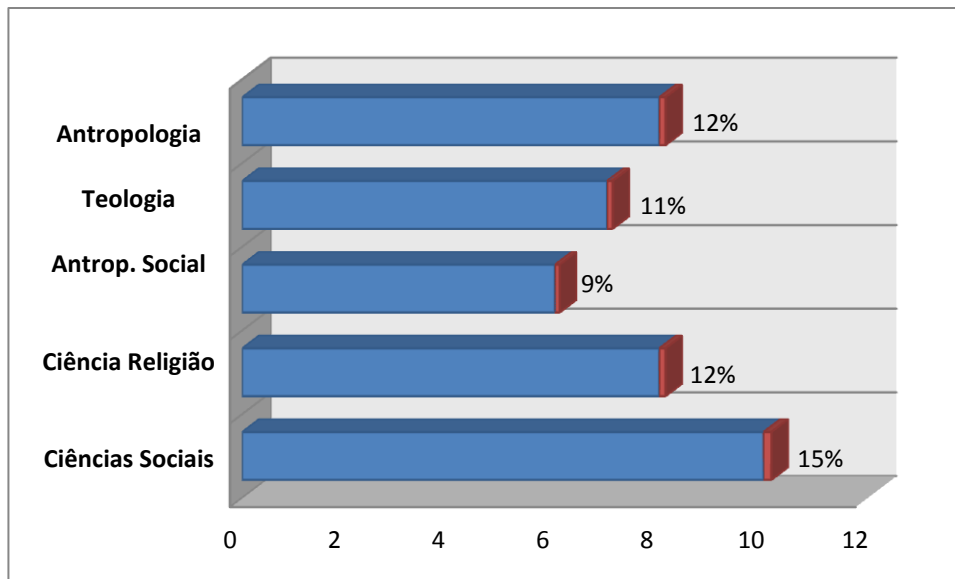
Gráfico 4- Percentual das principais áreas da Graduação dos Pesquisadores



Fonte: Pesquisa Própria 2017.

No que concerne às especializações (Pós-graduação e Mestrado), identificamos 21 áreas de formação, sendo as de maiores percentuais a Antropologia (12%), Teologia (11%), Antropologia Social (9%), Ciência da Religião (12%) e Ciências Sociais (15%). Ressalto que, semelhante à graduação, as especializações dos pesquisadores cuja temática sobre identidade negra, etnicidade e religiosidade foram estudadas são em maior número das Ciências Sociais. Não obtivemos a informação da especialização de 13 dos 77 pesquisadores.

Gráfico 5- Percentual das principais áreas de Especialização dos Pesquisadores



Fonte: Pesquisa Própria, 2017.

Dessa forma, de acordo com os dados apurados, podemos constatar o baixo percentual de artigos que abordam questões concernentes ao pertencimento étnico pelos cientistas da religião, denunciando a falta de intelectuais negros para a contribuição ao debate e a predominância de sociólogos pesquisadores sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, pudemos debater brevemente sobre a relevância dos estudos de etnicidade negra para maiores explorações analíticas no campo das Ciências das Religiões. Compreendemos que no contexto multiculturalista característico deste século, há várias possibilidades de se afirmar a negritude. Sendo assim, conceder legitimidade e autenticidade a negritude/africanidade somente quando o negro expressa sua fé em instituições religiosas afro-brasileiras, é um engodo.

Além disso, partindo do princípio de que a afirmação de uma identidade é histórica - ou seja, está situada em um tempo e espaço específicos -, esta demarcação de identidades característica do momento é de suma importância para o processo de construção de identidade negra, que envolve diferentes realidades sociais e, por isso, distintas estratégias.

Portanto, é imprescindível analisar o fenômeno religioso e como ele se reverbera na vida social, cultural e política do negro de diferentes formas, tendo em vista as vivências, perspectivas e contextos sociais multifacetados em que estão inseridos. Ressaltamos também que esta é uma pesquisa exploratória. Sendo assim, os resultados obtidos são apenas parciais e merecem estudos mais profundos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SEYFERTH, Giralda. **A Invenção da Raça e o Poder Discricionário dos Estereótipos**. Anuário Antropológico/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Museu Nacional, UFRJ, 1995.

GUIMARÃES, Antônio S. A. **Preconceito racial: Modos, Temas e Tempos**. Cortez Editora, Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP). Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil, 2ª Edição, 2012.

CASTILHO, M. A.; LE BOURLEGAT, C. A.; ARAUJO, J. M. O sagrado da fé católica no contexto da territorialidade urbana de Campo Grande -MS. In: Maria Augusta de Castilho. (Org.). **O sagrado da fé católica no contexto da territorialidade urbana de Campo Grande -MS**. 1.ed. Campo Grande: UCDB, 2006.

CARVALHO, José Jorge. **Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas ensino superior**. 2 ed. São Paulo: Attar Editorial, 2006

SCHWARTZ, K. Lilia. **Questão Racial e Etnicidade**. In: Miceli (org). O que lê na Ciência Social brasileira (1970-1995). São Paulo, Brasília: Editora Sumaré ANPOCS/ CAPES. 1999.

SANTOS, Márcio A. **Negritudes posicionadas: as muitas formas da identidade negra no Brasil**. 2010.

MOURA, Clóvis. **HISTÓRIA DO NEGRO BRASILEIRO**. Série Princípios, 1989.

SILVA, Mônica Cristina A. de Matos da. ÁVILA, Vicente F. MACIEL, Josemar de C. **Religiosidade e sentimento de pertença: considerações acerca da festa em homenagem a São João Batista e da missa afro na comunidade remanescente de quilombo "São João Batista" – Campo Grande/MS**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, An II, N. 8, Set. 2010

SANTOS, A. Martins. **Identidade Negra e Neopentecostalismo: O caso Reginaldo Germano**. ANPUH, 2013

MARÇAL, José A. **A Formação de intelectuais negros (as): políticas de ação afirmativa nas universidades brasileiras**, Belo Horizonte, Editora Nandyala Livros. . 2012.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do negro na sociedade de classe**. V.1, 5ª Ed. São Paulo: Globo 2008.

FILHO, José H. das F. **A vocação da periferia pelo pentecostalismo e o negro pentecostal na área do Mutirão em Bayeux em meio à segregação e pobreza**. PLURA, Revista de Estudos de Religião. 2016

SILVA, Nelson do Valle. Cor e o processo de realização socioeconômica. In: HASENBALG, Carlos A; Silva, Nelson do Valle (Orgs) **Estrutura social, mobilidade e raça**. Rio de Janeiro: Vértice, 1988. P. 144-163.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relumê/Dumará/ Fundação Ford, 2003.

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)**. RJ: EdUERJ, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Política de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; Silvério, Valter Roberto (Orgs). **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.